

Música / Cinema
de Sáb 29 Janeiro a Sex 4 Fevereiro 2011

Hootenanny

Comissário: Ruben de Carvalho

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



**Luther "Guitar Junior"
& The Magic Rockers**
Música Sáb 29 Janeiro · 21h30
Grande Auditório

Guy Davis
Routes/roots of the blues
Música Seg 31 Janeiro · 21h30
Pequeno Auditório

Phil Wiggins Duo
Música Ter 1 Fevereiro · 21h30
Pequeno Auditório

De Sáb 29 de Janeiro a Sex 4 de Fevereiro · 21h30 · M12

Bernardo Sasseti The Blues
Música/Cinema Qui 3 Fevereiro · 21h30
Pequeno Auditório

Davell Crawford Organ Trio
Música Sex 4 Fevereiro · 21h30
Pequeno Auditório

É assim possível afirmar que os novos estilos musicais do Delta [do Mississippi] constituem a dinâmica continuidade do processo social e criativo africano, tanto quanto uma adaptação técnica. Além de que o nascimento dos blues e as lutas dos seus progenitores podem ser consideradas como um criador desenvolvimento dos estilos africanos no novo ambiente americano, a resposta do temperamento africano às novas circunstâncias de vida. Neste sentido, o canto e a dança afro-americanas realizaram uma conquista estética do Novo Mundo. As suas criações geraram e desenvolveram públicos, intérpretes brancos apressaram-se a imitarem-nas e caricaturá-las nos minstrel shows, sapateados, ragtime, jazz, tal como hoje em dia no rock, no rap, nos blues.

(...) As narrativas e as canções regressam sempre a alguns poucos temas - a dolorosa e sombriamente irónica vida de um povo a quem era negada a sua parte da economia que ajudara a construir. A criação dos blues foi uma sarcástica resposta a esta situação - a primeira forma de sátira musical na língua inglesa - recorrendo a cadências e ritmos que seduziram todo o mundo. É comovedor verificar que quer a forma quer o profundo significado deste novo estilo são sólidos símbolos de uma cultura independente e indestrutível.

A experiência dos trabalhadores negros do Sul que criaram os blues no período pós-escravatura foi, em muitos aspectos, mais dura do que a própria escravatura. (...) O panorama do Delta foi talvez mais selvático que outros Estados do Sul por ser, de certa forma, uma fronteira entre a terra e a indústria. (...) Hoje, que todos os povos começam a conhe-

cer a dureza da época pós-industrial, os blues do Delta encontraram o seu público em todo o mundo.

Alan Lomax
in LOMAX, Alan, *The Land Where the Blues Began*, Methuen, Londres, 1993.

Num momento inspirado, o compositor Willie Dixon afirmou um dia que «os blues são actualmente uma espécie de documentário sobre o passado e o presente - e qualquer coisa que dá às pessoas inspiração para o futuro». É difícil melhor explicar porque, de novo, Hootenanny é dedicada aos blues.

Percorrer o último século da música popular norte-americana - e não apenas nas suas expressões mais genuínas, mas também nas mais comerciais - é inevitavelmente encontrar em cada momento a influência da mais original criação musical dos Estados Unidos. No jazz, tal ligação é inteiramente transparente e não apenas no percurso de criação e desenvolvimento: os blues constituem assumidamente um eterno retorno cada vez que os seus intérpretes e criadores sentem a necessidade de uma evolução, verificam um impasse nos caminhos percorridos. Mas este papel constantemente revitalizador dos blues não pode ser separado do facto de que eles próprios mantêm uma especificidade própria, um percurso autónomo igualmente em permanente renovação e gestação.

No que se refere à música de expressão branca, mesmo nos mais sombrios tempos de segregação, a sonoridade afro-americana sempre surgiu inquestionável, de George Gershwin à Broadway, de Tin Pan Alley às tradições dos Apalaches e nem a *country* de Nashville

ilude essa influência. E isto para não falar do *rock and roll* (esse «rhythm & blues tocado por brancos», como lhe chamou Chuck Berry...) e da constante influência (mais ou menos evidente, não apenas nos EUA, mas um pouco por todo mundo) em todas as evoluções da música popular.

Assim, em rigor, e de sons populares norte-americanos se tratando, talvez não seja inteiramente exacto dizer que, em Fevereiro na Culturgest os blues regressam ao Hootenanny: em rigor sempre lá estarão!

Luther “Guitar Junior” & The Magic Rockers

Música Sáb 29 Janeiro · 21h30
Grande Auditório · Duração: 1h20 · M12

Guitarra Luther Johnson
Bateria Ralph Penn Kimble, Jr.
Saxofone Lynwood Cooke
Guitarra baixo Kenneth Lane Bleckley
Guitarra John Talbot Ward

É do inesgotável filão do West Side de Chicago que virá o primeiro espectáculo do Hootenanny de 2011: Luther Johnson, que ganhou para sempre o nome de Luther “Guitar Junior” Johnson por não ter ainda 20 anos quando, ainda na década de 50 do século passado, assinou, pela mão de Magic Sam, o seu primeiro contrato como músico. Aliás, Magic Sam seria para o futuro uma das influências essenciais de Luther, lado a lado com Ray Charles, B.B. King e Freddy King.

Nascido no Mississípi em 1939, fez com a sua família a viagem para o Norte que criou o pujante universo afro-americano de Chicago onde, durante oito anos – de 1972 a 1980 – integrou a lendária formação de Muddy Waters, o que constituiria igualmente uma marca indelével para o seu estilo.

Com a própria banda que depois formou, os Magic Rockers, percorreu os Estados Unidos e todo o mundo em sucessivas digressões que consagraram a sua técnica de guitarrista e a expressividade da sua voz. Além de uma histórica presença no Festival de Montreux que editou o registo ao vivo do clássico *Walkin’ The Dog*, gravou e



viria ser galardoado com o Grammy de Best Traditional Blues Album em 1985, prémio para que seria novamente nomeado em 99.

Vítima de problemas de saúde, Luther foi em 2002 objecto de um dos mais vastos movimentos de solidariedade verificados na comunidade musical afro-americana, nomeadamente com a realização de um gigantesco festival em Greenfield que reuniu mais de quinze bandas num espectáculo que criou condições para um determinante tratamento que permitiu ao músico regressar à estrada um ano depois.

A sua discografia distribui-se por etiquetas tão diversas como a Telarc, Alligator Records, Rounder e a intressantíssima editora francesa Black & Blue. São igualmente numerosas as suas presenças em discos antológicos, bem como em bandas sonoras como é, nomeadamente o caso de *Blues Brothers* onde surge ao lado de John Lee Hooker.

Em Lisboa, será acompanhado por Ralph Kimble, Jr. na bateria, Lynwood Cooke no saxofone, Kenneth Bleckley na guitarra baixo e John Ward na segunda guitarra.

Guy Davis

Routes/roots of the blues

Música Seg 31 Janeiro · 21h30
Pequeno Auditório · Dur. 1h20 · M12

Guitarra Guy Davis

O palco, a música e o empenhamento cívico acompanham Guy Davis desde o berço: é filho dos actores Ossie Davis e Ruby Dee, amigos pessoais de Martin Luther King (Ossie foi o orador da homenagem em Central Park, Nova Iorque, prestada no dia seguinte ao assassinato), Malcolm X e Jesse Jackson.

Actor, músico, cantor e, sobretudo, *bluesman*, Guy nasceu em 1952, é um autodidacta da guitarra (e também do banjo) e a sua carreira de actor tornou-se particularmente notada quando representou o papel do lendário criador de blues na peça off-Broadway *Robert Johnson: Trick the Devil* que lhe mereceu em 93 o Prémio Keeping the Blues Alive, da Blues Foundation. A sua estreia na Broadway realizara-se contudo em 1991 no clássico *Mule Bone* da autoria de Zora Neale e Langston Hughes, duas figuras centrais do movimento cultural dos anos 20 do século passado Harlem Renaissance, mas Guy revelou-se igualmente como autor quando levou à cena off-Broadway um texto próprio para um actor, *In Bed With the Blues – The Adventures of Fishy Waters*, tal como participou na banda sonora do musical *To Be A Man*, galardoado com um Emmy.

As suas amizades e trabalhos em conjunto vão de Jessica Lange a Harry Long, de Ian Anderson dos antigos

© Anike Robinson



Jethro Tull a Carly Simon ou ao baterista dos velhos The Band, Levon Helm, dividindo o seu trabalho em filmagens para a PBS, actuações no Lincoln Center e uma preenchida agenda de concertos.

Guy Davis, que actua normalmente a solo, integra-se na herança de músicos com pontes estabelecidas para a *folk* branca: o seu último CD tem o título de um clássico de Bob Dylan (*Sweetheart Like You* que, aliás, cedeu para efeitos de benemerência aos amigos Jessica Lange e Sam Sheppard) e foi um dos participantes no recente espectáculo de homenagem aos 90 anos de Pete Seeger. Aliás, as suas relações com a família Seeger datam de há muito: era ainda um adolescente quando teve o seu primeiro contacto com o banjo de 5 cordas num campo de férias de Verão, no Vermont, animado pelo irmão de Pete, John Seeger!

Phil Wiggins Duo

Música Ter 1 Fevereiro · 21h30
Pequeno Auditório · Dur. 1h20 · M12

Harmónica Phil Wiggins
Guitarra Reverendo John Wilkins

Uma das sonoridades mais característica – e socialmente significativa – dos blues é a que resulta da verdadeira reinvenção da modesta e aparentemente simples harmónica vocal, a *blues harp*. Sendo um instrumento que, embora não exclusivamente, tem uma ligação directa aos blues, é importante verificar que, na sua estrutura, se trata de um instrumento afinado em escala diatónica, de sete notas: significa isto que a sua utilização por executantes que tocam essencialmente na escala *blue* herdada da escala pentatónica de cinco notas (dominante na música africana), requer um virtuosismo e uma técnica muito particulares, desenvolvida ao longo de anos pela natural divulgação entre músicos afro-americanos gerada pelo seu custo relativamente baixo, além da sua completa portabilidade.

Phil Wiggins é considerado um dos actuais virtuosos da peculiar expressividade de um instrumento inseparável do percurso percorrido pelos blues desde o Delta até aos palcos contemporâneos, apresentando ainda o hoje cada vez mais geral traço de versatilidade artística que conduz à sua presença nos palcos de teatro ou nas bandas sonoras cinematográficas, lado a lado com a regular e rica apresentação ao vivo. Além de reconhecimento como talentoso

© Tina Poffenbaugh Terry



compositor, Wiggins é também actor, participando nomeadamente no filme de John Sayles *Matewan* (1987), sobre a «batalha de Blair Mountain», o levantamento dos mineiros norte-americanos, em 1921 que constituiu o maior e mais importante conflito armado da história do movimento operário norte-americano que incluiu a única utilização da força aérea dos EUA contra cidadãos norte-americanos.

Embora integrando outras formações (são frequentes as suas presenças como músico de estúdio ou em formações de perfil musicalmente exigente), Phil Wiggins apresenta-se habitualmente em duo, situação que permite uma particular fruição da maestria do seu trabalho com a *blues harp*. No seu espectáculo no Hootenanny será acompanhado pelo Reverendo John Wilkins, guitarrista e cantor de outra interessantíssima linha dos intérpretes afro-americanos, simultaneamente ligados à música e ao seu ministério religioso.

Bernardo Sassetti

The Blues

Música / Cinema Qui 3 Fevereiro · 21h30
Pequeno Auditório · Dur. 1h20 · M12

Piano Bernardo Sassetti
Agradecimento: Lusomundo

A componente do Hootenanny que tem contado com imagens e palavras terá este ano expressão inteiramente nova e particularmente sedutora: Bernardo Sassetti comentará (ao microfone e ao piano) trechos por ele seleccionados do filme *De Regresso a Casa* da interessantíssima série *The Blues* de Martin Scorsese.

Mais do que apenas um concerto, procurou-se realizar um percurso por aspectos do jazz que especialmente têm interessado o pianista português: as raízes africanas, o diálogo do jazz com outras culturas, a constante presença dos blues e a determinante «invenção» afro-americana das *notas blue* resultantes do encontro entre as escalas pentatónica africana e diatónica europeia algures pelos séculos XVIII-XIX nos campos de algodão de colheita escrava. Curiosamente, o filme seleccionado por Sassetti viria a incidir exactamente sobre o trabalho realizado por Scorsese com uma figura presente há um ano no Hootenanny, o guitarrista Corey Harris e o trabalho de exploração das raízes musicais afro-americanas que tem realizado, e Alan Lomax, uma das figuras temáticas da primeira edição do Hootenanny!

Graças à gentileza da Lusomundo, foi possível realizar uma montagem vídeo

© Beatriz Batarda



sobre o filme de Scorsese em função dos trechos e temas que Bernardo Sassetti optou por comentar e ilustrar, proporcionando um invulgar e seguramente muito interessante diálogo em palavras e música.

Bernardo Sassetti iniciou os seus estudos de piano clássico aos nove anos. Dedicou-se ao jazz, estudando com Zé Eduardo, Horace Parlan e Sir Roland Hanna. Em 1987 começa a sua carreira profissional, em concertos e clubes locais, com o quarteto de Carlos Martins e o Moreiras Jazztet; participa em inúmeros festivais com músicos tais como Al Grey, John Stubblefield, Frank Lacy e Andy Sheppard. Desde então, nos primeiros 15 anos de carreira, apresenta-se por todo o mundo ao lado de Art Farmer, Kenny Wheeler, Freddie Hubbard, Paquito D'Rivera, Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Charles McPherson, Steve Nelson, integrado na United Nations Orchestra

e no quinteto de Guy Barker com o qual gravou o CD *Into The Blue* (ed. Verve), nomeado para os *Mercury Awards 95 - Ten albums of the year*. Em 1997, também com Guy Barker, gravou *What Love Is*, acompanhado pela London Philharmonic Orchestra e tendo como convidado especial o cantor Sting.

Dedica-se regularmente à música para cinema, tendo realizado vários trabalhos nos sete últimos anos e de entre os quais se destaca a sua participação no filme *The Talented Mr. Ripley*, de Anthony Minguella. Compôs música para teatro.

No tempo presente, apresenta-se em concertos de piano solo, em trio com Carlos Barretto e Alexandre Frazão, em duo com o pianista Mário Laginha ou em trio de pianos com Mário Laginha e Pedro Burmester.

Faz parte do grupo internacional *ART IMPRESSIONS*, no espectáculo *Shubertiade* - estreado em Espanha, em Julho de 2007 - sob a direcção artística de Maria João Pires.

A série *The Blues* já se encontra disponível no mercado português.

Davell Crawford Organ Trio

Música Sex 4 Fevereiro · 21h30
Pequeno Auditório · Dur. 1h20 · M12

Voz, piano, Órgão Hammond B-3
Davell Crawford **Guitarra** Mark Brooks
Bateria Joseph Dyson

O jovem pianista e vocalista de New Orleans Davell Crawford («the Prince of New Orleans», como é habitualmente chamado na imprensa local!) deixou-se fascinar por um instrumento que resiste hoje quase só nos blues, o lendário órgão Hammond B-3.

Inventado por Laurens Hammond em 1934 (e «emigrado» hoje para o Japão, fabricado pela Hammond Suzuki Co. ...), o novo instrumento, pese a sua complexidade de execução, teve mais impacto na área da música popular e da rádio do que nos ofícios religiosos (que estavam nos horizontes dos seus criadores face ao gigantismo dos órgãos de igreja), embora tenha desempenhado importante papel nas igrejas militares durante a II Guerra, o que muito contribuiria para a sua divulgação fora dos EUA. Associado aos indispensáveis altifalantes Leslie, o Hammond seduziu numerosos executantes de jazz e de blues, em especial pela sua capacidade de proporcionar universos sonoros poderosos familiares aos naipes de metais da cena blue de Memphis e Chicago.

Davell Crawford recebeu o seu primeiro teclado com 11 anos, oferecido pelo seu pai, músico de R&B de New Orleans. Claramente influenciado pelos Delta Blues do professor Longhair e



James Booker, desenvolveu uma notável maestria no piano, simultaneamente com uma expressividade vocal temperada numa jamais abandonada presença no *gospel*. A sua sedução pelo B-3 é antiga (até talvez por essa ligação ao *gospel*) e em muitas circunstâncias, nos frequentes encontros musicais de New Orleans (já tocou com Irma Thomas, Marcia Ball e muitas outras figuras centrais da cidade do Delta) aventurou-se a intervenções no R&B até finalmente avançar no registo de um álbum com o Hammond em papel central.

Crawford foi um dos numerosos músicos que se manteve em New Orleans mesmo após a dramática devastação gerada pelo furacão Katrina e são bastante impressionantes as palavras que inclui a propósito no seu site (<http://davellcrawford.com/katrina>).

No Hootenanny será acompanhado pela bateria de Joseph Dyson e a guitarra de Mark Brooks.

Próximo espectáculo

La casa de la fuerza de Angélica Liddell

© Angélica Liddell



Teatro Sex 11, Sáb 12 Fevereiro
Grande Auditório · 20h30 · Dur. 5h · M18

Encenação Angélica Liddell **Interpretação** María Morales, Lola Jiménez, Getsemaní de San Marcos, Angélica Liddell, Perla Bonilla, Cynthia Aguirre e María Sánchez **Violoncelo** Pau de Nut **Mariachis** Orquesta Solís **Campeão de Strongman de Espanha** Juan Carlos Heredia **Figurinos** Josep Font e Angélica Liddell **Desenho de luz** Carlos Marquerie **Som** Felix Magalhães **Assistente de produção** María José Fernández **Produção executiva** Gumersindo Puche **Uma produção** Teatro de La Laboral, Comunidad de Madrid e Iaquinandi S.L. **Co-produção** Centro Párraga e Festival de Outono da Comunidad de Madrid **Colaboram** Entrepiernas Producciones (México) **Estreia** 16 de Outubro de 2009 no Teatro de la Laboral, Gijón

No dia 2 de Outubro de 2008, dia do meu aniversário, sentia-me mal, estava fodida com o passar do tempo, e já tinha plena consciência de que tinha perdido tudo o que amava ou tinha amado. Estava assustada, furiosa e triste. Tinha praticamente deixado de ler e escrever. Nesse mesmo dia, 2 de Outubro, inscrevi-me num ginásio, o lugar da

força e da resistência, em busca de um tipo qualquer de contradição ou alívio. E ali começou *La casa de la fuerza*. Descobri que a extenuação física me ajudava a suportar a derrota espiritual. Esgotava-me. Eram exercícios de preparação para a solidão. [...]

Um dia em que estava a escrever na cinemateca, o auto-engano das três irmãs de Tchekhov retumbou como uma estalada sideral. “É preciso trabalhar”, dizia Irina, “É preciso trabalhar”. O trabalho revelava-se como uma forma de aniquilação. Para além disso, a segunda viagem ao México foi definitiva. Com efeito, ali até o comentário mais banal culmina em acção. Do mesmo modo que as piadas de judeus culminam em Auschwitz, as rotinas de desprezo pela mulher culminam no feminicídio. A humilhação quotidiana culmina nas mortas de Ciudad Juárez, Chihuahua, e em leis deterioradas pela misoginia. [...]

Angélica Liddell

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
